LEITURA CRÍTICA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: DA TEORIA À PRÁTICA

Alessandra Baldo, Universidade Federal de Pelotas

Resumo: A importância do desenvolvimento das habilidades de leitura crítica na aula de língua estrangeira tem sido continuamente reafirmada nos últimos anos (Scholes, 1995; Wallace, 1992; Heberle, 2000; Figueiredo, 2000; Cervetti et al, 2001), e como decorrência natural tem havido um maior interesse tanto na seleção como na elaboração de atividades que possibilitem o aprimoramento do senso crítico e reflexivo do aprendiz de L2 frente a diferentes textos. Assim, a proposta do artigo é apresentar uma atividade de leitura para alunos de nível avançado de inglês como L2, baseada na análise comparativa de dois textos – uma matéria da versão on-line do *New York Times*, de maio de 2007, e um artigo do *World Socialist Web Site*, de julho de 2000 –, a fim de contribuir para a formação do leitor crítico.

Palavras-chave: ensino/aprendizagem de inglês como L2; leitura em inglês como L2; leitura crítica.

Abstract: The importance of developing critical reading skills in the L2 classroom has been continuously emphasized over the last years (Scholes, 1995; Wallace, 1992; Heberle, 2000; Figueiredo, 2000; Cervetti et al, 2001), arousing, as a consequence, a larger interest in both the selection and the design of activities that allow for the development of the L2 learners´critical and reflexive skills towards different types of texts. Taken this scenario into account, the aim of the paper is to present a reading activity for advanced learners of English as an L2, based on a comparative analysis of two texts – a news coverage from the online version of the New York Times, published in May 2007, and an article from the World Socialist Web Site, published in July 2000 – in order to contribute to the development of ESL critical readers.

Key-words: ESL teaching/learning; ESL reading; critical reading.

1 INTRODUÇÃO

A fim de integrar teorizações sobre leitura crítica e prática de leitura crítica em inglês como L2, este artigo está organizado em três partes. Na primeira, correspondente à seção 2, procedemos a uma breve revisão teórica, com dois objetivos principais: mostrar o papel de destaque que a leitura crítica tem recebido enquanto uma habilidade a ser desenvolvida na sala de língua estrangeira, e apresentar as diferentes concepções epistemológicas relacionadas à idéia de leitura crítica, com base em Cervetti et al (2001).

Na segunda parte, referente à seção 3, apresentamos uma atividade de leitura para alunos com nível avançado de inglês como L2, pautada nos princípios da Análise Crítica do Discurso. A atividade foi elaborada com base em dois textos autênticos – uma matéria da versão on-line do

New York Times, de maio de 2007, e um artigo do *World Socialist Web Site*, de julho de 2000 – e planejada para uma seqüência aproximada de três aulas de 50 minutos cada.

Na terceira e última parte do trabalho, relativa à seção 4, relacionamos os objetivos da atividade com os princípios da leitura crítica pelo viés da Análise Crítica do Discurso, a fim de mostrar a plausibilidade da sugestão proposta.

2 RELEVÂNCIA DA LEITURA CRÍTICA NA AULA DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

O desenvolvimento do leitor crítico esta há bastante tempo entre uma das principais habilidades de leitura a ser cultivada em sala de aula, tanto em língua materna como em língua estrangeira, e, especialmente devido a isso, há uma vasta literatura nessa área. Devido a limitações de espaço, na primeira parte dessa seção ilustraremos essa situação a partir de considerações feitas por três estudiosos de leitura em L2 com base na Análise Crítica do Discurso (ACD) – Wallace (1992), Figueiredo (2000) e Heberle (2000). Na segunda parte, apresentaremos as principais diferenças epistemológicas que se encontram abrigadas sob a expressão "leitura crítica", com base em Cervetti et al (2001), já que, entendemos, tal discernimento é fundamental aqui.

De acordo com Wallace (1992), o trabalho com textos em inglês como L2 deve ser um modo de: (i) auxiliar os alunos a se sentirem mais confiantes ao se posicionarem convictamente com relação ao texto; (ii) encorajá-los a perceberem que possuem opções no modo de lerem os textos; (iii) ajudá-los a se sentirem em uma posição de maior igualdade com o autor.

Além desses três objetivos mencionados por Wallace, Figueiredo (2000), ao tratar da leitura crítica no ensino de inglês como L2, leva em conta os fatores interculturais. No entender da autora, o fato de estudantes de inglês como L2 serem expostos a textos de uma cultura diferente faz com que o processo de compreensão textual possa ser aprimorado "pela introdução de uma perspectiva crítica de leitura, na qual textos são situados histórica, social e culturalmente, e são estabelecidas posições específicas para escritores e leitores como sujeitos." (p. 140)

Esse aprimoramento da competência leitora do aprendiz de língua estrangeira pela leitura crítica também é defendido por Heberle (2000), para quem a ACD pode oferecer uma "alternativa viável e válida para leitura, que vai além da mera decodificação do conteúdo proposicional dos textos para englobar assuntos socialmente relevantes."(p. 127) Para a autora, o maior desafio da

leitura crítica, a partir dos pressupostos da ACD, é levar os leitores perceberem as relações entre textos, poder, sociedade e cultura.

Ainda que um grande desafio, não parece haver outro modo de tornar os leitores melhor equipados para "perceber como os elementos lingüísticos explícitos nos textos contribuem para reforçar/reproduzir ou desafiar o *status quo* vigente" (Heberle, op. cit., p. 122), o que nos leva de novo à importância do trabalho de leitura crítica, seja em língua materna, seja em língua estrangeira.

Exatamente por ser de extrema importância, uma questão para a qual se deve atentar diz respeito à multiplicidade de sentidos que a expressão "leitura crítica" assumiu, como assinalam Cervetti et al (2001). Enquanto parece mais simples diferenciar, por exemplo, abordagens psicolingüísticas de abordagens críticas de leitura, o mesmo não acontece quando o que está em jogo são as diferentes abordagens críticas de leitura.

Meurer (2000), por exemplo, distancia o trabalho de leitura voltado para os processos psicolingüísticos do voltado para a análise crítica do discurso dizendo que, enquanto o primeiro coloca a ênfase em aspectos cognitivos – como esquemas mentais, estruturas textuais típicas e seu processamento – o segundo coloca a ênfase no tipo de ação social representada no texto – ou seja, nas posições, relações sociais, tipos de conhecimentos e/ou crenças veiculadas. Naturalmente, esclarece o autor, não se trata de fazer a opção por realizar um tipo de leitura e não outro, já que os aspectos psicolingüísticos são constitutivos da leitura, mas de enfatizar – mais ou menos – determinados aspectos relacionados ao ato de ler.

O que pode se configurar como um campo problemático está exatamente na definição dos termos como "ação social", "posições", "relações sociais", "tipos de conhecimentos", dada a possibilidade de múltiplas interpretações. Nesse sentido, a distinção feita por Cervetti et al (2001) entre abordagens de leitura crítica (*critical reading*) e abordagens de letramento crítico (*critical literacy*) é bastante esclarecedora.

Para os autores, a leitura crítica é baseada na visão liberal-humanista, e comumente igualada a pensamento crítico. Por essa abordagem, a leitura é vista como uma atividade que "pode ajudar uma pessoa a conhecer sobre o mundo, entender a intenção de um autor e decifrar se a informação deve ser avaliada com credibilidade ou ceticismo". (p. 04) Entre as habilidades a serem desenvolvidas, em consonância com a proposta, se encontram as seguintes: avaliação de

argumentos, realização de inferências, utilização de vocabulário crítico a fim de fornecer evidência para uma conclusão.

Diferentemente, no letramento crítico (*critical literacy*), com contribuições da teoria social crítica, da pedagogia freireana e do pós-estruturalismo, o significado do texto é um processo de construção, entendido no contexto social, histórico e das relações de poder, e não somente como o produto ou intenção de um autor. Dito de outro modo, os autores criam textos e os indivíduos os compreendem dentro de sistemas discursivos que regulam o significado possível em um contexto particular.

A leitura, assim, é entendida como uma prática política e social, ao invés de um conjunto de habilidades psicológicas neutras. (Siegel e Fernandez, 2000) Os alunos, nesse contexto, são encorajados a "assumir uma postura crítica frente ao texto, perguntando que visão do mundo ele antecipa, e se tal visão deveria ser aceita ou não." (Scholes, 1995)

Embora as distinções feitas acima sejam bastante sintéticas, acreditamos que tenham sido suficientes para fazer dois esclarecimentos. O primeiro é o de que a leitura crítica que deriva da ACD – e a qual será tomada como base para a atividade de leitura desenvolvida na próxima seção – melhor se enquadra na segunda abordagem, a de letramento crítico. O segundo, e sem dúvida mais significativo, é o de que é importante que o professor de L2 conheça a natureza diversa de cada abordagem, a fim de poder optar pela que lhe parecer mais adequada para o trabalho com leitura em sala de aula, tendo como ponto de partida – e de chegada – as necessidades e particularidades de seus alunos.

3. EXEMPLO DE ATIVIDADE DE LEITURA CRÍTICA EM INGLÊS COMO L2

Nessa seção, descreveremos a atividade de leitura proposta. Como mencionamos na introdução do artigo, ela foi elaborada com base em dois textos autênticos – uma matéria da versão on-line do *New York Times*, de maio de 2007, e um artigo do *World Socialist Web Site*, de julho de 2000 – e planejada para uma seqüência aproximada de três aulas de 50 minutos cada. Devido à linguagem utilizada nos textos, as aulas foram elaboradas para alunos com nível avançado de leitura em inglês com L2.

O objetivo principal da atividade é o de desenvolver a habilidade de leitura crítica dos alunos, com base em contribuições da Análise Crítica do Discurso. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes específicos: desenvolver a habilidade de síntese das idéias principais;

desenvolver a habilidade de fazer inferências; desenvolver a habilidade de identificar a posição do autor em relação a temas específicos tratados no texto, levando-se em conta a análise de gênero textual; desenvolver a habilidade de estabelecer relações entre textos com pontos temáticos semelhantes, porém escritos em épocas diferentes; desenvolver a habilidade de relacionar o assunto do texto com a sua própria realidade (ou seja, entender textos como situados social e historicamente; a partir deles, refletir sobre sua própria realidade em busca de modificação).

O primeiro texto a ser lido é o do *New York Times*, intitulado "For New York, Big Job Growth is Home Care". (Anexo 1) Após a realização de uma atividade de pré-leitura[1], os alunos lêem o texto e preenchem um formulário com as seguintes questões: quem, o quê, quando, por quê, como (Anexo 2, *Template*[2]), e, com base nesses dados, escrevem um resumo como tarefa extra-classe, para ser retomado na próxima aula (ver exemplo, Anexo 3). Para a segunda aula, com base na leitura do artigo do *World Socialist Web Site*, intitulado "Immigrants Make up 40 Percent of New York´s City New Population" (Anexo 4), a seqüência didática é a mesma: atividade de pré-leitura[3], leitura do texto e preenchimento do formulário (Anexo 5), que servirá como de base para a escrita do resumo (ver exemplo, Anexo 6).

Na terceira e última aula, o resumo é retomado, e associado com o texto anteriormente lido, a fim de serem realizadas as atividades de leitura crítica, dividas em três etapas, denominadas: I) *Making connections*; II) *Making further connections*; III) *Making some further connections* (Anexo 7). Das três etapas, a última, a ser realizada em duplas, será designada como atividade extra-classe, já que demandará pesquisa. No Anexo 7 estão elencadas possíveis sugestões de respostas para a primeira etapa da atividade, as quais deverão ser retomadas nas etapas seguintes, mas com mais detalhamento, e por isso nossa decisão de oferecer possibilidades de respostas apenas nesta parte da atividade.

4. CONCLUINDO: ESTABELECENDO RELAÇÕES ENTRE TEORIA E PRÁTICA.

---

[1] A atividade de pré-leitura consistirá na elaboração de inferências, por parte dos alunos, sobre o conteúdo do texto a partir do título. O/a professor/a coloca no quadro algumas das inferências feitas, estimulando que explorem a foto, com a ilustração da imigrante jamaicana. Em seguida, solicita que façam a leitura do texto, verificando em que medida suas inferências condizem com o texto.

[2] Adaptado de Gray, M. C. Gist: A Summarizing Strategy for Use in Any Content Area. (ver referências)

[3] A atividade de pré-leitura aqui também partira da elaboração de inferências dos alunos sobre o texto a partir do título, mas desta vez já procurando estabelecer possíveis relações com o texto anteriormente lido.

A proposta deste artigo foi estabelecer relações entre a teoria e a prática do ensino de leitura crítica em língua estrangeira, e para tanto procedemos a uma breve retomada da literatura sobre leitura crítica, a fim de podermos melhor balizar a nossa sugestão de atividade de leitura, elaborada para alunos de nível avançado de língua inglesa como L2.

A atividade foi organizada a partir de contribuições da Análise Crítica do Discurso, e didatizada através dos objetivos específicos, assim estabelecidos: (i) desenvolver a habilidade de síntese das idéias principais; (ii) desenvolver a habilidade de fazer inferências; (iii) desenvolver a habilidade de identificar a posição do autor em relação a temas específicos tratados no texto, levando-se em conta também a análise de gênero textual; (iv) desenvolver a habilidade de estabelecer relações entre textos com pontos temáticos semelhantes, porém escritos em épocas diferentes; (v) desenvolver a habilidade de relacionar o assunto do texto com a sua própria realidade (ou seja, entender textos como situados social e historicamente, e, a partir deles, refletir sobre sua própria realidade, a fim de modificá-la).

Com relação aos objetivos acima dispostos, uma consideração nos parece pertinente aqui, pois à primeira vista alguns deles não se encontram entre as prioridades estabelecidas pelos teóricos que têm se voltado para o desenvolvimento das habilidades de leitura crítica[4] – como, por exemplo, os dois primeiros deles, (i) desenvolver a habilidade de síntese das idéias principais e (ii) desenvolver a habilidade de fazer inferências. E é aqui que o professor de língua estrangeira que almeja trabalhar com leitura crítica em sala de aula deve ter claro que, antes de qualquer coisa, é necessário assegurar-se que os alunos compreenderam a base do texto.[5] Caso contrário, naturalmente, a leitura crítica não acontecerá. Assim, ainda que essa afirmação seja senso comum, relembrá-la nesse contexto serve para justificar o porquê de prever objetivos que aparentemente não coadunam com uma proposta de leitura crítica em uma atividade que pretende despertar o senso crítico dos alunos.[6]

Levando isso em consideração, como também as diferentes etapas da atividade proposta, cada uma delas prevendo a realização dos objetivos estabelecidos, esperamos ter conseguido contribuir para a integração entre teoria e prática no desenvolvimento das habilidades de leitura crítica do aluno de inglês como L2, tendo-se em vista que

---

[4] Especialmente na linha da Análise Crítica do Discurso.
[5] Kintsch, W. (1998)
[6] E também para reiterar a importância da compreensão da base do texto para o desenvolvimento de abordagens críticas de leitura, especialmente no contexto de ensino-aprendizado de língua estrangeira, dado o nível de proficiência dos alunos na L2.

> "o significado do texto é um processo de construção, entendido no contexto social, histórico e das relações de poder, e não somente como o produto ou intenção de um autor." (Cevetti et al, 2001).

REFERÊNCIAS

CERVETTI, G; PARDALES, M.J.; DAMICO, J.S. A Tale of Differences: comparing the traditions, perspectives and educational goals of critical reading and critical literacy. *Reading Online*, 4(9). Disponível em http://www.readingonline.org/articles/art_index.asp?HREF=/articles/cervetti/index.html, acesso em 29/08/2006.

FIGUEIREDO, D. C. Critical Discourse Analysis: towards a new perspective of EFL teaching. *Ilha do Desterro*, n. 38. Florianópolis, SC, jan./jun. 2000, p. 139-154.

GRAY, M. C. Gist: A Summarizing Strategy for Use in Any Content Area. Available at www.readwritethink.org, access in 05/04/2007.

HEBERLE, V. M. Critical Reading: integrating principles of critical discourse analysis and gender studies. *Ilha do Desterro*, n. 38. Florianópolis, SC, jan./jun. 2000, p. 115-138.

KINTSCH, W. The Role of Knowledge in Discourse Comprehension: A. Construction-Integration Model. *Psychological Review*, 95(2), p. 163–182, 1998.

MAZELIS, F. Immigrants Make Up 40 Percent of New York City´s New Population. *The World Socialist Web Site*, 31 de julho de 2000. Disponível em http://www.wsws.org/articles/2000/jul2000/nyc-j31.shtml, acesso em 04/06/2007.

MEURER, J. L. O Trabalho de Leitura Crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais. *Ilha do Desterro*, n. 38. Florianópolis, SC, jan./jun. 2000, p. 155-171.

SIEGEL, M.; FERNANDEZ, S. L. Critical Approaches. In: M. L. Kamil, R. Barr, P. D. Pearson, P. Mosenthal (eds.) *Handbook of Reading Research: Volume III*. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2000.

SCHOLES, R. Interpretation and Criticism in the Classroom. In: S. Peterfreund (ed.). *Critical Theory and the Teaching of Literature: Proceeding of the Northeastern University Center for Literary Studies*. Boston, MA: Northeastern University Press, 1995.

WALLACE, C. Critical Literacy Awareness in the EFL Classroom. In: N. Fairclough (ed.). *Critical Language Awareness*. Harlow, Longmam, 1992.

For New York, Big Job Growth in Home Care. *New York Times*. Disponível em http://www.nytimes.com/2007/05/25/nyregion/25health.html, acesso em 02/06/2007.

ANEXO 1

The New York Times

For New York, Big Job Growth in Home Care

by Patrick McGeehan, May 25, 2007

(1) New York City's economy has been booming, with unemployment dropping to historic lows and Wall Street getting most of the credit. But the typical new worker in the city is not a pinstriped investment banker or a corporate lawyer. She is a home health aide like Vivienne P. Smith.

(2) Ms. Smith, a recent immigrant from Jamaica, cooks for and dresses elderly patients in their Brooklyn homes. Though she is a member of a large labor union, she earns just $7.50 an hour and receives no health insurance or other benefits.

(3) In many ways, home-care aides are the garment workers of the modern New York economy. The working conditions may be better, but the low pay, skimpy benefits and weak prospects for upward mobility tend to draw mostly immigrant women with few marketable skills.

(4) Jobs like Ms. Smith's, poor-paying positions in health care and social services, have accounted for most of the growth in employment in the city in the last 15 years. Indeed, without the rapid health care growth, the number

of jobs in the city would have declined since 1990, according to figures compiled by the federal Bureau of Labor Statistics.

(5) The health care and social assistance sector, which includes not only hospitals, nursing homes and doctor's offices, but also day care centers and food banks, accounts for a growing share of jobs across the country — about 13 percent of all American jobs in 2005. But that is still a far smaller share than in some parts of New York City. In Brooklyn and the Bronx, the sector now supplies about one-third of all private-sector jobs and wages, more than double the contribution of any other industry, the bureau's data show.

(6) "In terms of wages, the driving force in the New York City economy has been Wall Street," said Michael Dolfman, the regional commissioner of the Bureau of Labor Statistics. "But in terms of employment, the driving force in the city economy has been the health care and social assistance sector."

(7) The number of jobs in financial services has shrunk in the last 15 years, even as average pay has soared in that industry.

(8) The relative growth of health care employment in New York and other big American cities is a result of the decline of manufacturing and the aging of the population, said Mark V. Pauly, a health-care economist at the Wharton School at the University of Pennsylvania. At the same time, personal preferences and financial considerations have fostered a shift toward caring for the frail and elderly at home instead of in institutions, Mr. Pauly said.

Available at http://www.nytimes.com/2007/05/25/nyregion/25health.html, access in May 2007.

ANEXO 2

TEMPLATE:

FOR NEW YORK, BIG JOB GROWTH IN HOME CARE

WHO: HEALTH AND SOCIAL ASSISTANCE SECTOR (COMPARED TO THE FINANCIAL SECTOR)

WHAT: THEY HAVE BEEN THE DRIVING FORCE IN TERM OF EMPLOYMENT (AND NOT WALL STREET)

WHERE: NEW YORK CITY

WHEN: LATELY (FOR THE LAST 15 YEARS)

WHY: DECLINE OF THE MANUFACTURING INDUSTRY; AGING OF THE POPULATION; PERSONAL PREFERENCES AND FINANCIAL CONSIDERATIONS (LEAD TO A CHANGE: FROM INSTITUTIONS TO HOME CARE).

HOW: THE HEALTH CARE AND SOCIAL ASSISTANCE SECTOR ACCOUNTS FOR 13% OF ALL AMERICAN JOBS IN 2005; THE NUMBER OF JOBS IN FINANCIAL SERVICE HAS SHRUNK IN THE LAST 15 YEARS (AVERAGE PAY HAS SOARED).

ANEXO 3

GIST OF THE ARTICLE:
FOR NEW YORK, BIG JOB GROWTH IN HOME CARE

While job growth in New York has been credited to Wall Street, the sectors actual responsible for it are health care and social assistance. While the number of jobs in financial service has shrunk for the last 15 years, the health care sector responded for about 13% of all American jobs in 2005. The main reasons for this are the decline of the manufacturing industry (which transferred the working force to the health care sector), the aging of the population, and a change of attitude towards home care, based on personal preferences and financial considerations.

ANEXO 4

wsws.org World Socialist Web Site
Published by the International Committee of the Fourth International (ICFI)

Immigrants make up 40 percent of New York City's New population

By Fred Mazelis, 31 July 2000

(1) A survey of New York City households taken by the US Census Bureau in 1999 has revealed that 40 percent of the city's 7.4 million people are now foreign-born.

(2) This figure, reported in the press this week, quantifies and confirms what is apparent on the city's streets, subways and in other public places. Roughly 100,000 immigrants have been arriving and making New York City their home each year for the past decade. One million have come since 1990. This has meant an almost incredible jump in the percentage of foreign-born New Yorkers, from 28 to 40 percent, in less than ten years.

(3) The immigrant presence in the city has now matched the level of 40 percent recorded in 1910, at the height of the 1880-1920 wave of immigration which brought millions of workers to the US.

(4) During those decades the newcomers arrived mainly from southern and eastern Europe, joining previous waves from Germany, Ireland and England. Today the immigrants come from literally every corner of the globe, from the Dominican Republic to South Asia.

(5) There is barely a country in the world that doesn't have a significant presence in the largest city in the United States. There are three “Chinatowns” today, with Flushing in Queens and Sunset Park in Brooklyn joining the original Chinese neighborhood in lower Manhattan. Nearly every country in Latin America is represented in the Jackson Heights, Elmhurst and Corona sections of Queens. There are many sections of the city which have become a mix of languages, cultures and nationalities. The borough of Queens includes 167 nationalities and 116 languages, the greatest variety in the country and undoubtedly in the world.

(6) As recently as 1970 the proportion of foreign born in New York was less than 18 percent. In the space of one generation the population of the city has been transformed.

(7) A combination of factors and circumstances are involved, above all the changes in the world economy, the accelerating globalization of production and of economic life. The growing gulf between living conditions in the advanced capitalist sector and the countries of the "Third World" has made the economically advanced nations a pole of attraction. The conditions of ruthless exploitation and miserable housing facing many immigrants in New York has still seemed far preferable to the semi-starvation and generalized hopelessness in their countries of origin. Billions of people have been driven deeper into poverty by the debt crisis and the austerity policies dictated by the International Monetary Fund.

(8) A glance at the countries of origin of most of the new immigrants—Mexico, the Dominican Republic, India, Pakistan, Bangladesh, the former Soviet Union—shows the relationship between the immigration trends and this economic reality. In all these areas, there is not simply economic suffering, but also little hope for any change for the better. Behind this is the collapse of the old movements and leaderships claiming to speak for the working class and the oppressed masses.

(9) At the same time, American capitalism has announced its willingness to accept larger numbers of immigrants. Federal legislation was changed more than three decades ago, and soon resulted in increasing numbers of immigrants and a major change in the mix of immigrants, with more coming from the world's poorest regions.

(10) Capitalist globalization has meant the creation of new low-wage sectors of the economy inside the US, along with the search for cheap labor in other parts of the world. Immigrants have been pitted against native-born workers to drive down wages and conditions. The newcomers have been used to take the many poorly paid jobs in the service sector, including personal services provided to the growing numbers of millionaires and the upper levels of the middle class. While the new immigrants have made New York a more proletarian city than ever, it is also a city which is as socially polarized as it was in the Gilded Age of a century ago, if not more so.

Available at: http://www.wsws.org/articles/2000/jul2000/nyc-j31.shtml, access in July 2007

ANEXO 5

TEMPLATE:

IMMIGRANTS MAKE UP 40 PERCENT OF NEW YORK´S CITY NEW POPULATION

WHO: IMMIGRANTS LIVING IN NEW YORK CITY, COMING FROM ALL OVER THE WORLD (THE DOMINICAM REPUBLIC, INDIA, PAKISTAN, FORMER SOVIET UNION).

WHAT: THEY MAKE UP 40 PERCENT OF THE CITY´S 7.4 MILLION PEOPLE.

WHERE: IN A SURVEY OF NEW YORK CITY HOUSEHOLDS TAKEN BY THE US CENSUS BUREAU.

WHEN: 1999 (REPORTED IN THE PRESS IN JULY, 2000).

WHY: GROWING GULF BETWEEN LIVING CONDITIONS IN THE ADVANCED CAPITALIST SECTOR AND THE COUNTRIES OF THE THIRD WORLD (RUTHLESS EXPLOITATION AND MISERABLE HOUSING CONDITIONS ARE PREFERABLE TO THE WAY IMMIGRANTS LIVED IN THEIR COUNTRIES OF ORIGIN); AMERICAN WILLINGNESS TO ACCEPT LARGER NUMBER OF IMMIGRANTS.

HOW: AMERICAN FEDERAL LEGISLATON WAS CHANGED IN ORDER TO ACCEPT MORE IMMIGRANTS, PROVIDING THE NEW LOW-WAGE SECTORS OF THE ECONOMY THE NECESSARY WORKFORCE.

ANEXO 6

GIST OF THE ARTICLE:
IMMIGRANTS MAKE UP 40 PERCENT OF NEW YORK´S CITY NEW POPULATION

Immigrants living in New York City make up 40 percent of the city´s 7.4 million people, according to a survey of New York City households taken by US Census. They come from all over the world, from the Dominican Republic to the former Soviet Union. There are two main reasons for that. The first one is the growing gulf between living conditions in the advanced capitalist sector and the countries of the Third World, which makes the ruthless exploitation and miserable housing conditions faced by immigrants in New York preferable to the lives they had in their countries of origin. The second reason is that American capitalism has been willing to accept larger number of immigrants to provide the new low-wage sectors of the economy the necessary workforce. In order to do so, American federal legislation was changed.

ANEXO 7

I) MAKING CONNECTIONS:

1) What are the common topics between the texts "For new York, Big Job Growth in Home Care" and "Immigrants make up 40 percent of New York City´s new Population"?
Possible answers: Working conditions of immigrants; immigrants living in NYC; capitalist work relations.

2) When writing about the above-mentioned topics, how partial/impartial is the author of each one of the texts? Look for passages in the articles to justify your choice (sentences, expressions, words). Pay attention to the genre and to the layout as well.
Possible answers:
The New York Times: more impartial – paragraphs 2 and 3 (the author just describes Ms. Smith´s situation, but does not look into the possible causes); paragraphs 6 and 7 (the author just says that the number of jobs in financial service has shrunk, even as average pay has soared, but does not explain why). On the other hand, both Ms. Smith´s facial expression in the picture and the expression "the garment workers", in paragraph 3, should be taken into account..
The World Socialist Web Site: more partial – paragraph 7 ("the conditions of ruthless exploitation and miserable housing facing many immigrants in NY"), paragraphs 9 and 10 (the author explains why the US needed more and more immigrants), the expression "Gilded Age" in the last sentence of the text.

II) MAKING FURTHER CONNECTIONS:

1) As for salary and benefits, how does Ms. Smith´s job is described by Patrick McGeehan (The New York Times)? How does Fred Mazelis (The World Socialist Web Site) describe this kind of working situation?

2) How can you relate paragraphs 6 and 7 of the New York Times article with paragraph 10 of the World Socialist Web Site article?

The New York Times Article - Paragraphs 6 and 7

(6) "In terms of wages, the driving force in the New York City economy has been Wall Street", said Michael Dolfman, the regional commissioner of the Bureau of Labor Statistics. "But in terms of employment, the driving force in the city economy has been the health care and social assistance sector."

(7) The number of jobs in financial services has shrunk in the last 15 years, even as average pay has soared in that industry.

The World Socialist Web Site Article – Paragraph 10

(10) Capitalist globalization has meant the creation of new low-wage sectors of the economy inside the US, along with the search for cheap labor in other parts of the world. Immigrants have been pitted against native-born workers to drive down wages and conditions. The newcomers have been used to take the many poorly paid jobs in the service sector, including personal services provided to the growing numbers of millionaires and the upper levels of the middle class. While the new immigrants have made New York a more proletarian city than ever, it is also a city which is as socially polarized as it was in the Gilded Age of a century ago, if not more so.

III) MAKING SOME FURTHER CONNECTIONS:

1) Given a time span of 7 years between one text and another, what can be said regarding immigrant living conditions and capitalist work relations in New York? Justify your answer.

2) In the New York Times article, the author makes a comparison between home-care aides and the garment workers (paragraph 3). In the World Socialist Web Site article, the author makes a comparison between the New York of the Gilded Age and the modern New York (paragraph 10). What does each comparison mean, and how do they relate?

(Tip: If you are not certain of the meaning of the expressions, search for them in the Wikipedia.)

3) Even though the topics discussed in both texts are set in the US/NYC, can you bring some of them to your own reality (country, state, city)? If so, describe them briefly.